

A APROPRIAÇÃO LACANIANA DA LINGÜÍSTICA: UMA REVISÃO CONCEITUAL

THE LACANIAN APPROPRIATION OF LINGUISTICS: A CONCEPTUAL REVIEW

<https://doi.org/10.5281/zenodo.15126958>

Diego de Oliveira Bustillos Villafán¹
Ney Klier²

RESUMO

Este estudo teórico tem como objetivo revisar as relações conceituais estabelecidas por Lacan entre a linguística e a psicanálise freudiana, com foco no período conhecido como “retorno a Freud” (1953-1963). A partir de uma revisão bibliográfica dentro dos parâmetros da pesquisa qualitativa, buscou-se delinear a apropriação singular e inovadora realizada por Lacan entre esses dois campos do saber. Para isso, três eixos metodológicos foram priorizados: (1) o exame do conceito de signo linguístico na linguística; (2) a leitura particular que Lacan empreende desse conceito, fundamentada na teoria do significante, elemento central de sua abordagem psicanalítica; e (3) o manejo do significante no ato de fala do sujeito, processo essencial para a regra fundamental da psicanálise: a associação livre. Como resultado, foi possível explicitar e diferenciar, de forma clara e rigorosa, as relações conceituais estabelecidas entre a psicanálise e a linguística a partir da produção lacaniana da teoria do significante. Conclui-se que a introdução da linguística na psicanálise por Lacan não se limitou a um artifício teórico, mas configurou-se como uma ferramenta fundamental para a investigação e o aprofundamento da experiência psicanalítica.

Palavras-chave: significante; significado; signo linguístico; psicanálise.

ABSTRACT

This theoretical study aims to review the conceptual relations established by Lacan between linguistics and Freudian psychoanalysis, focusing on the period known as the "return to Freud" (1953–1963). Through a bibliographic review within the parameters of qualitative research, the study sought to outline Lacan's singular and innovative appropriation of these two fields of knowledge. To this end, three methodological axes were prioritized: (1) an examination of the concept of the linguistic sign in linguistics; (2) Lacan's particular interpretation of this concept, grounded in the theory of the signifier, a central element of his psychoanalytic approach; and (3) the handling of the signifier within the subject's speech act, a process essential to the

¹ Psicólogo e Psicanalista; Graduado em Filosofia-Licenciatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Graduado em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula (USU). Rio de Janeiro/RJ, Brasil. E-mail: psivillafan@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-8304-7566.L> LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6354290552839313>

² Psicanalista; Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Santa Úrsula (USU); Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Rio de Janeiro/RJ, Brasil. E-mail: neyklier@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3809-479X>. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8426654827480042>

fundamental rule of psychoanalysis: free association. As a result, it was possible to clearly and rigorously elucidate and differentiate the conceptual relations established between psychoanalysis and linguistics through Lacan's development of the theory of the signifier. It is concluded that Lacan's introduction of linguistics into psychoanalysis was not merely a theoretical device but a fundamental tool for investigating and deepening the psychoanalytic experience.

Keywords: signifier; meaning; linguistic sign; psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

Em 1953, Lacan inicia um projeto de artigos e seminários acerca da psicanálise que se tornou conhecido como um “retorno a Freud”. Tal retorno, basicamente, procurou reler a obra do fundador da psicanálise frente às adaptações e interpretações teóricas realizadas por determinadas escolas psicanalíticas – que, de acordo com Lacan (1953-1954/2009), desviavam o pensamento freudiano do seu sentido original e da sua descoberta. A duração relativamente longa desse projeto perdurou entre os anos de 1953 e 1963, abarcando uma série de revisões e investigações de diversos conceitos, erros e casos expostos por Freud.

Esse retorno, contudo, foi marcado por diversos problemas de comunicação. Muitos autores e leitores sinalizaram esse problema simplesmente expondo e conjecturando acerca da finalidade do tipo de escrita utilizada por Lacan. Houve, digamos, uma corrente que procurou atacar a escrita lacaniana e outra corrente que, por sua vez, procurou sustentar o valor de tal escrita. Hanlon (2001, p. 1), pensando na dificuldade de ler Lacan, afirmou que o psicanalista “[...] fez uma carreira do obscurantismo, e talvez não tenha sequer acreditado em muito do que disse”³. O próprio Levi-Strauss, grande antropólogo e figura ímpar para pensar diversos conceitos de Lacan, afirmou que não o compreendia. Paul Ricoeur considerou seu pensamento impenetrável (Beividas, 2000).

Considerando tal dificuldade de leitura, até mesmo Lacan, de certa forma, a declarou, afirmando em momentos diferentes da sua produção teórica que (1) “um escrito, em minha opinião, é feito para não se ler” (2001/2003, p. 503) e (2) “o escrito distingue-se, com efeito,

³Tradução nossa.

por uma prevalência do texto [...] o que permite a concisão que, a meu ver, não deve deixar ao leitor outra saída senão a entrada nele, que prefiro difícil” (1966 [1957]/1998, p. 496).

Por outro lado, muitos autores defenderam tal escrita, julgando-a intencionalmente hermética e, ironicamente, antipedagógica. No que concerne ao estilo antipedagógico, Glynos e Stavrakakis (2001) afirmaram que a escrita e retórica de Lacan eram ferramentas de captura do leitor para fazê-lo ativo. A leitura, realizada dessa forma, faz com que o leitor participe da construção da significação do texto, não o recebendo de maneira pronta e acabada, o que acaba por tornar a leitura “um processo muito mais exigente e estimulante, tornando o leitor um decifrador, co-criador” (Fontes; Medeiros, 2012, p. 214).

Essa atitude, então, não deixa de ensinar. A pedagogia que visa combater é aquela que entrega textos que pré-determinam seu significado, apresentando-o de forma automática e produzindo compreensão acrítica. Ademais, fazer do texto algo a ser decifrado ativamente pelo leitor não só aponta para outro tipo de pedagogia, mas também já introduz no texto uma espécie de treinamento de análise.

Toda a retórica lacaniana, portanto, repleta de polissemias, metáforas, enigmas e chistes, “visa atingir o efeito de formação” (Lacan, 1966 [1959] /1998, p. 731). Jacques-Alain Miller (1992), psicanalista aluno de Lacan responsável por transcrever seus seminários e fundador da *École de la Cause Freudienne*, inclusive, afirma claramente que a prática freudiana, com relação às produções inconscientes, não é outra senão a de deciframento, o que responde à demanda de um texto pedagogicamente orientado conforme a formação psicanalítica.

Tais correntes de explicação da dificuldade do texto lacaniano, uma a favor e outra contra seu estilo, porém, não são as adotadas aqui. Embora haja clara sistematização da escrita como preparatória para a análise, ao focarmos materialmente no porquê determinados efeitos de dificuldade surgiram na absorção da obra textual de Lacan, chegamos a uma conclusão defendida, já há um bom tempo, por Miller (1992).

O autor entende que o retorno a Freud que Lacan realizou não foi uma tentativa de reinventar a psicanálise, mas apenas uma articulação da resposta à questão acerca das suas condições de possibilidade. Ele argumenta, então, que a resposta que Lacan deu para isso se resume na sua famosa frase de que *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*.

Tal assunção, para Miller, advém da leitura lacaniana de algumas obras de Freud, como a *Interpretação dos Sonhos* (1900/2019), a *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901/2021) e *O chiste e a sua relação com o inconsciente* (1905/2017). Essas obras apresentam o trabalho

analítico como uma decifração de fenômenos de comunicação. Realizada esta ligação substancial de conceitos fundamentais da psicanálise com a linguagem, nada mais plausível do que se servir das disciplinas científicas que pesquisam essa segunda área, como, por exemplo, a linguística.

Assim, Lacan, na releitura da obra de Freud, passou a recorrer e adicionar uma série de operadores conceituais que, à primeira vista, não constam na obra de Freud e, segundo, muitas vezes não se explicam por si. Em 1953, Lacan inicia seu ensino a partir da publicação do seu famoso texto *Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise* (1966 [1953] /1998). Em tal obra, não é apenas clara, mas é também exposta a utilização e apropriação de conceitos da linguística de Saussure, como o de significante — aliás, seria um trabalho demasiado exaustivo citar a quantidade de vezes que Lacan, por exemplo, faz uso desse conceito, tanto nos escritos quanto nos seminários, para elaborar as descobertas freudianas. Todavia, não apenas esse conceito é constantemente utilizado.

No *Seminário 3* (1955-1956/1988) e na *Instância da Letra* (1966 [1957] /1998), os conceitos retóricos da metáfora e metonímia são profundamente recorridos para a interpretação e análise dos sintomas referentes à estrutura psicótica e às formações inconscientes. Tais conceitos, contudo, são elaborados inicialmente por Jakobson (1973) em sua obra sobre as afasias; outro linguista, inclusive, citado textualmente por Lacan (1955-1956/1988).

Essas concepções, de fato, não são diretamente associadas à psicanálise antes da elaboração lacaniana, pois, na realidade, como demonstramos, elas são pensadas, pesquisadas e utilizadas na linguística. A articulação de ambas as áreas ocorre apenas posteriormente e conforme uma demanda de saber. Agora, se as condições de possibilidade das descobertas de Freud precisam recorrer, para aprofundar suas pesquisas, à outra área do saber, como estudar e entender as descobertas da psicanálise simplesmente a partir da literatura psicanalítica em si mesma? A questão, assim formulada, torna-se socrática, pois a resposta consta em sua formulação: a psicanálise se beneficiou ao recorrer à linguística.

Dito isso, a presente exposição procurará desenvolver, de maneira introdutória e objetiva, a natureza e a efetividade dessas relações conceituais. Este artigo, a partir de uma revisão bibliográfica, se concentrará em dois eixos principais. No primeiro, focaremos na relação entre Lacan e a linguística de Saussure. Para isso, apresentaremos sistematicamente o conceito fundamental dessa relação, isto é, o signo linguístico e, enfim, a inversão lacaniana do signo linguístico. Na segunda parte, continuaremos apresentando conceitos linguísticos

relevantes para Lacan, mas, nesse momento, também pincelando os momentos nos quais Lacan pode localizá-los e utilizá-los em sua leitura da obra de Freud.

2 SAUSSURE E O SIGNO LINGUÍSTICO

A técnica psicanalítica mudou conforme os anos e as descobertas de Freud. Os fenômenos produzidos na clínica foram, de acordo com Miller (1992), a direção que Freud tomou para desenvolver sua teoria. A dinâmica a que se serviu o nascimento da regra fundamental da psicanálise também operou conforme os mecanismos dessa elaboração teórica. Anna O, como sagazmente pensou Miller (1992), talvez tenha sido a grande teórica da regra fundamental: após ser submetida ao tratamento hipnótico até então concebido por Josef Breuer, Anna pediu para que ele a deixasse falar livremente; ato esse que foi apelidado de *talking cure*. Posteriormente, Freud (1893-1895/2016), utilizando-se também deste seu relato, cunhou a regra fundamental do processo analítico, isso é, a associação livre.

A posição de Freud foi acolher e elaborar sua teoria a partir dessa nova mecânica. O psicanalista, então, deveria analisar o sentido por trás das palavras e frases expressadas livremente. A cura viria da entrega e assunção do paciente dessa decodificação (Miller, 1992). Contudo, é notável que o material utilizado na técnica não é outro senão a palavra. O próprio nome a expressa. Como estudar, então, a palavra? Que fenômeno verbal é esse?

Em 1957, Lacan publicou um dos seus famosos escritos: *A instância da Letra no Inconsciente*. Esta obra versa como a palavra atua sobre o inconsciente e como o inconsciente é formado *como* uma linguagem. Logo no seu início, pensando sobre o sentido da letra-palavra, é apresentado o signo linguístico de Saussure. De acordo com Lacan, o nascimento da linguística é formalizado a partir da elaboração do seu algoritmo fundador, que não é outro senão o do signo linguístico: $\frac{S}{s}$.

No *Curso de Linguística Geral* (1916/1991), obra ímpar e fundamental acerca dos ensinamentos de Saussure, é apresentado que o objeto de estudo da linguística pertence a uma área

específica da semiologia, que é a dos signos linguísticos pertencentes a uma língua.⁴ Nesse sentido, a linguística trabalha fundamentalmente com a língua e seus signos, pois, como subárea da semiologia, não pode ser outra coisa senão parte da ciência dos signos. A língua, assim pensando, seria a sistematização do seu tesouro material, isso é, dos seus signos linguísticos.

O signo linguístico, ou unidade linguística, é formado a partir de dois elementos e de uma operação. O senso-comum, como foi dito no CLG (1916/1991), acreditava que o signo unia uma coisa a uma palavra, enquanto, porém, a união é feita entre um conceito e uma imagem acústica. A natureza de ambos é psíquica: “o signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces” (Saussure, 1916/1991, p. 80).

O valor da imagem, então, não se encontra na materialidade, mas na impressão, ou representação, que ela pode causar. Um som aleatório, portanto, não forma uma imagem acústica, mas sim “a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos” (Saussure, 1916/1991, p. 80). Além disso, o conceito e a imagem acústica estão, quando formam um signo, intimamente ligados. Assim, como consta na figura 1, o signo linguístico foi representado visualmente da seguinte maneira:

Figura 1 – Signo Linguístico



Fonte: Saussure (1916/1991, p. 80)

Sendo as setas os indicadores da indissociabilidade do conceito com a imagem acústica referente, o círculo do algoritmo o designador da unidade do signo linguístico e a linha, ou barra, a relação entre o conceito e a imagem acústica. Vejamos mais atentamente o conceito a partir do seguinte exemplo.

Figura 2 – Exemplo *Arbor*

⁴ É digno de nota mencionar que o *Curso de Linguística Geral* (1916/1991) não é de publicação original de Saussure. Na realidade, tal obra foi elaborada de maneira póstuma pelos alunos de seu curso que, reunindo suas anotações, fizeram diversas edições e livros do material elaborado nesse percurso. Assim, embora em certas citações conste o nome de Saussure, também iremos nos referir às contribuições providas desse amplo estudo como CLG devido aos fatos históricos mencionados.



Fonte: Saussure (1916/1991, p. 81)

Como pode-se conferir no exemplo da figura 2, a imagem acústica *arbor* se refere intrinsecamente a um conceito *árvore*, que é visualmente exposto mediante a imagem superior direita de uma árvore comum.

Contudo, no CLG (1916/1991), é demarcado que há uma ambiguidade de terminologia. No uso corrente, o termo signo é utilizado para denotar apenas a imagem acústica pertencente ao signo linguístico, o que é apenas um dos seus elementos. Como foi postulado, “esquece-se que, se chamamos a *arbor* signo, é somente porque exprime o conceito ‘árvore’, de tal maneira que a ideia de parte sensorial implica a do total” (Saussure, 1916/1991, p. 81).

Para eliminar a ambiguidade entre as três noções, o CLG (1916/1991) propõe então que o signo se refira ao total, à soma, enquanto o conceito passe a ser reconhecido por significado e a imagem acústica, significante. Tal renovação, aliás, também serviu para eliminar didaticamente qualquer possibilidade de referência substância-material do signo, tal como o adjetivo *acústico* poderia fazer-se imaginar.

Além dos dois elementos do signo linguístico, há a operação psíquica que os une: a associação. Essa operação é descrita no CLG (1916/1991) para explicar e negar uma situação específica: a crença de que um significante se refere *naturalmente* a um significado. Pelo contrário, o significante *mar* apenas designa o significado mar na língua portuguesa; caso fosse em outra língua, como na inglesa, o significado se manteria mesmo alterando o significante por *sea*. Essa arbitrariedade do signo — que assume o papel de um dos princípios do signo — quer dizer que o significante é imotivado, isto é, “arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (Arrivé, 1994/1999, p. 100).

Também é importante salientar que a união do significante ao significado não depende da livre escolha do falante. Antes de tudo, o que determina a união ou troca do signo é a sua imposição a partir da comunidade linguística que o emprega e, conseqüentemente, da língua em que se inscreve (Saussure, 1916/1991). Apesar disso, para ocorrer a união da totalidade dos signos na psique individual dos sujeitos, é preciso que ocorra um processo de associação, isto é, que se conecte ou se traduza um significante a um significado.

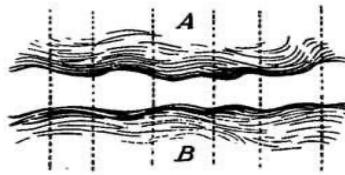
A arbitrariedade do signo é, dito isso, um dos princípios que o rege e o afeta de maneira total, exatamente por se situar como base da relação significante-significado. O outro princípio é do caráter linear do significante. Nesse caso, o princípio não afeta o signo por completo, mas apenas o significante.

O argumento é que, como o significante se apresenta auditivamente, ele deve se submeter às características do tempo e, com isso, “a) representa uma extensão” e que “b) essa extensão é mensurável em uma só dimensão: é uma linha” (Saussure, 1916/1991, p. 84). Esse princípio é claramente identificado no processo de enunciação em que, por exemplo, um falante precisa apresentar intervaladamente um significante após o outro. O significante acústico transposto na escrita apresenta de maneira também clara a linearidade do uso em cadeia do significante – é o que se faz, inclusive, enquanto se lê, palavra por palavra, o próprio artigo aqui apresentado.

Essa linha, além disso, é marcada pelo espaço de tempo que supõe um encadeamento e esse espaço é, digamos, o momento produzido a partir da distinção entre os signos. A distinção inerente entre os signos é de extrema importância para se pensar qualquer relação de encadeamento e do lugar funcional (valor) dos signos na língua, isto é, no seu sistema. Com isso, os valores funcionais dos signos são definidos e eles só podem designar alguma coisa porque operam solidariamente e simultaneamente, no sistema da língua, em diferenciação recíproca. Isso significa afirmar que um signo linguístico, na cadeia da fala e na virtualidade da língua já estruturada, só pode significar algo caso esteja se opondo diferencialmente a outro.

Para melhor apresentar a língua como sistema de signos reciprocamente opositivo, são delineadas no CLG (1916/1991) duas metáforas: a do esquema das duas massas amorfas e a da folha de papel. Antes da formalização e organização do signo linguístico de uma língua, há seus componentes em estado amorfo: (A) o pensamento, caótico por natureza, (B) e os sons indiferenciados. A função da língua não é servir um meio fônico às ideias confusas, mas sim se colocar em posição de intermediário entre ambos em função de os unir através de uma delimitação recíproca de unidades; formando, assim, um sistema de unidades diferenciais e opositivas que obtêm as suas posições funcionais nas delimitações organizacionais de uma língua.

Figura 3 – Esquema das massas amorfas



Fonte: Saussure (1916/1991, p. 131).

Em uma linha horizontal, por exemplo, ao se efetuar a delimitação do corte vertical atravessando as duas massas, se produz uma unidade de sentido e forma que se diferencia da próxima em relação à totalidade dos componentes da imagem. Como afirmou Arrivé (1994/1999, p. 54), “aqui, devemos prestar atenção: trata-se dos signos definidos por sua oposição recíproca no sistema que eles constituem, isto é, na língua”.

A língua como folha de papel funciona da seguinte maneira: a folha, servindo-se de dois versos, quando recortada, preserva na mesma ação ambos os lados. O pensamento é um verso e o som o outro; não podendo arranjar um sem arranjar o outro. O que é produzido a partir do recorte é um *articulus*, o signo linguístico que, pela forma particular do seu recorte, deve se opor e diferenciar formalmente de outro para que ambos se tornem operacionais (Saussure, 1916/1991). Agora, unindo ambas as metáforas, como o fez Arrivé (1994/1999), podemos localizar a folha de papel como o vão branco entre as duas nebulosas: A) das ideias confusas e; B) do material sonoro. A partir da delimitação simultânea das retas verticais, obtém-se segmentos, os *articuli*, que constituem os signos, onde seus elementos constam em uma borda A e na outra B. É o que reencontramos, em termos conceituais, na imagem da figura 4 a seguir.

Figura 4 – Cadeia de Signos



Fonte: Saussure (1916/1991, p. 133).

A partir do exemplo da figura 4, conseguimos encontrar visualmente o caráter opositor que se efetua na relação diferencial entre os signos encadeados. Os valores dos signos que surgem a partir da oposição em cadeia podem ser vistos, mais diretamente ainda, nas próprias frases desse parágrafo: basta substituir, na imagem acima, as palavras *significante* e *significado*

pelos signos aqui escritos que o encadeamento opositor e diferencial argumentado no CLG se efetua, linha por linha, palavra por palavra.

3 LACAN E A INVERSÃO DO SIGNO LINGUÍSTICO

O significante na concepção de Lacan tem por “étimo epistemológico o significante saussurriano” (Arrivé, 1994/1999, p. 73). Contudo, não obstante a referência direta a Saussure e as demais convergências teóricas, o conceito lacaniano não se confunde ao do seu mestre. O algoritmo da linguística apresentado por Lacan (1966 [1957] /1998) possui, em si, já o indício das diferenças de um para o outro. Na apresentação lacaniana, caem alguns sinais importantes do signo linguístico, resultando em: $\frac{S}{s}$. Para resumir as divergências entre ambos os conceitos de significante, iremos nos conduzir a partir dos efeitos produzidos conforme a mudança do algoritmo do signo linguístico.

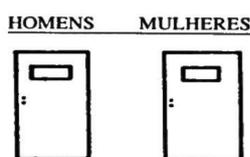
A *primeira modificação aparente* é a seguinte: o círculo que contornava o algoritmo e sinalizava a unidade do signo linguístico é retirado. Isso quer dizer que o significante e o significado não mais constituem os elementos necessariamente intrínsecos da unidade que constitui um signo, o que deixa em aberto, em primeira instância, a produção de sentido através da mútua referência. As flechas, que indicam “a relação de pressuposição recíproca entre significante e significado”, também são retiradas (Arrivé, 1994/1999. pp. 82-83). *Um* significante, por exemplo, não mais é tido como fazendo referência a *um* significado, muito menos *um* significado é necessariamente constituído mediante a sua associação a *um* significante no signo. A modificação da pressuposição significante-significado das setas é necessariamente concluída a partir da exclusão do círculo formador de unidade.

A *segunda modificação aparente* é esta: o significante em maiúsculo, *S*, é colocado sempre acima do significado em minúsculo, *s*, em função de denotar uma relação de hierarquia. Assim, a disposição espacial no algoritmo agora demonstra a primazia do significante sobre o significado.⁵ Essa relação hierárquica significa que o significante se torna mestre da produção

⁵ Essa inversão, contudo, segundo Arrivé (1994/1999), é duvidosa. De fato, como ele demonstra nas diversas edições do CLG, o significado se encontra sobre o significante, porém não é o que se verifica em outras anotações do mesmo curso e em cartas de Saussure, onde o significante aparece acima do significado. Tal fato nos leva às seguintes hipóteses: ou bem Saussure também privilegiou o significante ou não havia qualquer importância acerca

de significado. Isso quer dizer que o significado, agora não necessariamente referido e, por isso, posto em posição de possibilidade, flutua, desliza, por debaixo do significante. O significável é submetido, portanto, ao significante. Segundo Arrivé (1994/1999, p. 84), o significado “é simultaneamente subordinado ao significante e separado dele”. Tal relação de produção de significado mediante a aplicação do significante fica clara a partir da análise do seguinte exemplo de Lacan: o das portas masculinas e femininas.

Figura 5 - Portas



Fonte: Lacan (1966 [1957] /1998, p. 502).

Como é visto na figura 5, a diferenciação e significação dos objetos não é marcada pelos signos, isso é, o conteúdo-significado (que são o mesmo: porta) unido aos significantes Homens e Mulheres, mas sim *unicamente* pela relação dos significantes justapostos acima. Assim, a função significante das palavras Homens e Mulheres escritas não ocorre a partir da suposta pressuposição entre os significantes e significados, ou seja, entre os signos em cadeia, mas a partir da diferença opositiva *apenas* dos significantes: entende-se que a porta à esquerda pertence a Homens porque ao seu lado, na cadeia, ela se opõe a Mulheres.

Dessa forma, seu valor é definido negativamente, isto é, a partir do que ele não é conforme a ligação da cadeia significante. O mesmo exemplo visual é utilizado em uma historietta apresentada por Lacan para afirmar seus juízos:

da posição dos elementos do signo. De acordo com a teoria de Saussure, embora não possamos afirmar e encerrar em verdade, concluímos, contudo, que a ausência de hierarquia entre eles exige a indiferença de posição e, portanto, da ordem do signo. Dito isso, o valor da suposta inversão lacaniana encontra-se, na verdade, na hierarquização da ordem.

Um trem chega à estação. Numa cabine, um menino e uma menina, irmão e irmã, estão sentados um em frente ao outro, do lado em que a vidraça dando para o exterior descortina a visão das construções da plataforma ao longo da qual o trem parou: “Olha!, diz o irmão, chegamos a Mulheres!”; “Imbecil!, responde a irmã, não está vendo que nós estamos em Homens?” (Lacan, 1966 [1957] /1998, p. 503).

Na ausência da referência opositiva do outro par significante, e na falta de aprendizado anterior da diferença dos campos lexicais e semânticos de ambos os significantes, cada criança obtém significados conforme a cadeia significante presente até o momento. Essa cadeia, podemos supor, é composta, para a menina, dos seguintes significantes: trem + viagem + chegada + local + porta + entrada + homens. Nessa linha e sequência significante, as relações diferenciais e opositivas são estabelecidas com todos os outros significantes, menos o Mulheres; e tal emaranhado acaba por produzir a suposição-significação da menina de que ela havia chegado, enfim, na nova e então descoberta cidade chamada Homens. O mesmo ocorre com o rapaz, embora com o significante Mulheres.

Lacan (1966 [1957] /1998), com isso, preserva parcialmente a afirmação contida no CLG (1916/1991) sobre o valor do signo estar na sua função de oposição em uma cadeia significante; parcialmente, pois ele rejeita que a cadeia seja composta por signos, sendo esta constituída unicamente por significantes opositivos. Por exemplo, falar que A é A não pode produzir qualquer significado acerca de A. O gritante caráter de redundância expõe que o princípio de identidade da lógica clássica falha na tentativa do uso igualitário dos significantes funcionalmente diferenciais⁶.

Por outro lado, se falamos *Renato* (S¹ - nome próprio e sujeito) é (S² - verbo de ligação) *filho* (S³ - predicativo do sujeito) *do* (S⁴ – contração da preposição “de” com o artigo “o”) *Mario* (S⁵ – complemento nominal), encadeamos uma série de significantes que, não sendo iguais, se opondo e se colocando em posições funcionais distintas, produzem um significado de identificação, mesmo sem sabermos a veracidade e existência dos referentes afirmados. Dito isso, é um erro, como afirmou Lacan (1966 [1957] /1998, p. 503), “pensar que a significação

⁶ O princípio de identidade, em suma, é a máxima de que todo objeto é igual a si mesmo, por exemplo: A será sempre igual a A. Sobre o mesmo assunto, Lacan (1961-1962/2003) faz uma grande exegese sobre as problemáticas entre o princípio de identidade tradicionalmente tratado pela lógica clássica e a natureza do significante no seu seminário 9, *a Identificação*.

reina irrestritamente para-além. Pois o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão”.

Isso tudo nos leva à terceira modificação, a da barra. A barra, no CLG (1916/1991), como dissemos, indicava a relação entre significante e significado. Em Lacan (1966 [1957] /1998), contudo, ela será atribuída à máxima separação, o que produz, na relação entre ambos, uma resistência à significação. A prática da língua demonstra a impossibilidade de um significado “entrar” no significante: basta perguntar para qualquer agente da fala o que significa x e os resultados serão os mais diversos. O significante em prática, no caso o x , não permite, barra, qualquer fixação a um significado. Quem pode tentar fixar, em vão, um significado a um significante é o sujeito, embora essa tentativa falhe: usando o exemplo do dicionário, ao procurarmos o significado de uma palavra como “água”, encontramos definições que levam a mais significantes, como “líquido”, e assim por diante. A busca por um significado último revela apenas, portanto, mais e mais cadeias de significantes.

As características e exemplos apresentados até então situam o significante como puro *non-sense*. Embora pareça contraditória, tal característica é pressuposta a qualquer possibilidade de significação. O significante em estado puro, reunindo-se a outro, produz uma situação sem sentido a qual o sujeito, frente a ela, responde a partir da produção de significado. “A tese de Lacan”, escreveu Miller (1992, p. 21), “é que o significante atua sobre o significado, e inclusive, em um sentido radical, o significante cria o significado, e é a partir do sem sentido do significante que se engendra a significação”. Ou seja, nessa dialética, supõe-se que algo de não sentido seja posto e sobreposto (em cadeia) para que se produza a abertura de um espaço o qual será preenchido de sentido pelo sujeito.

A metáfora lacaniana (1959-1960/1988) do vaso se encaixa perfeitamente aqui. Em suma, o vaso possui um interior vazio que pode ser preenchido com objetos pelo sujeito. O vaso, então, funciona como o significante dos significantes, isto é, cumpre essa função representacional de produzir um vazio a ser preenchido de matéria, sentido, de significado, pelo sujeito. Portanto, acerca das condições de significação como efeito da ordem significante, “o significante só pode passar para o plano da significação porque há um sujeito operando a cadeia significante” (Ferreira, 2002, p. 116): frente ao sem sentido do significante, o sujeito, então, responde com alguma significação.

Dito isso, vimos que Lacan (1966 [1957] /1998) recolhe e produz uma teoria do significante em função de formular e acessar, de maneira mais extensiva, alguns dados da

clínica psicanalítica. A associação livre, por exemplo, por ser um ato de fala, funciona necessariamente mediante o encadeamento de palavras. E palavras, como vimos, não são fenômenos simples. Contudo, uma associação deve ser interpretada para que se formule ou se extraia seus sentidos. Para que ela seja decodificada, é preciso que se analise a relação entre os seus significantes, que podem estar codificados de forma *manifesta* ou *latente*, se parafrasearmos os conceitos de Freud em sua ilustre obra *Interpretação dos Sonhos* (1900/2019). Vejamos mais atentamente o que envolveria a decodificação do processo de fala na seção seguinte.

4 O CHISTE E O CÓDIGO

Vimos anteriormente que o sujeito, frente ao sem sentido do significante, responde a ele com algum significado. Ademais, o significante, por si só, não possui muito efeito pois está sempre refletido e situado em uma espécie de teia significante da língua. Esta pode ser descrita conforme a teoria da comunicação, por exemplo, como um código a partir do qual uma mensagem será codificada e, enfim, decodificada pelo seu intérprete.

Contudo, a decodificação não é algo simples. Parte da mensagem, ou da cadeia significante, pode se situar *latente*, *apagada* ou *condensada*. Quanto a isso, Freud dedicou uma obra inteira para interpretar casos de duplo ou triplo sentido no que diz respeito a uma fala; a sua famosa obra intitulada *O chiste e a sua relação com o inconsciente* (1905/2017). Nessa obra, Freud explora o efeito do riso nas diferentes técnicas do chiste. A partir da leitura desse escrito, torna-se notório que, nos casos de chistes, há a formulação de um significante que escapa, reestruturando-se de maneira aparentemente ilógica, ao uso comum e estabelecido de sua forma ao código linguístico. Para começar a entender esse fenômeno, voltemo-nos, portanto, à análise do chiste.

Na primeira parte da obra supracitada, Freud (1905/2017) se dedica a elaborar e nomear as técnicas do chiste. É dito que o chiste é, em suma, algo como uma tirada espirituosa que provoca riso. Para entender a natureza dessa tirada espirituosa, Freud apresenta um caso de chiste deveras instrutivo, basicamente realizando uma análise linguística.

Num conto de Heinrich Heine, há a figura do pobre agente de loteria Hirsch-Hyacinth que, gabando-se das suas relações com o rico barão de Rothschild, acaba por dizer, “E, tão certo

como Deus me dará tudo de bom, doutor, sentei-me ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou como um semelhante, de modo bem *familionário*” (Freud, 1905/2017, p. 18).⁷ Os pensamentos por trás desse fenômeno linguístico estranho ao cotidiano, o *familionário*, não são, porém, os mais difíceis de serem desembaraçados, como fez Freud pensando na posição de Hirsch-Hyacinth: “Rothschild me tratou como um semelhante, de modo bem familiar, isto é, até onde um milionário é capaz de fazê-lo. ‘A condescendência de um homem rico’, nós acrescentaríamos, ‘tem sempre algo de desagradável para aquele que a experimenta’” (Freud, 1905/2017, p. 18).

Há, portanto, três pensamentos contidos no chiste: (1) Rothschild me tratou como um semelhante, um familiar, (2) tal como um milionário poderia fazer e (3) a falta do comportamento de dever moral normal ao rico é desagradável àquele que dela sofre.

Depois de fazer a revisão de uma série de chistes, Freud (1905/2017) se pergunta acerca da natureza do efeito de riso do chiste e de como uma fala vem a se tornar chistosa. Frente a tais questões, ele formula duas hipóteses: (1) ou o chiste deriva do pensamento contido na frase ou (2) da expressão-palavra por meio da qual o pensamento se encontrou na frase. Assim, Freud volta-se à decomposição realizada e, então, considerando a primeira hipótese, verifica que os pensamentos contidos no chiste não são a razão do efeito de riso. Na realidade, a exposição do material decomposto do chiste citado até mesmo traria algo de desagradável. Quanto à segunda hipótese, Freud apresenta que houve, na formulação da palavra referente às frases pensadas, uma abreviação entre elas a partir de uma substituição.

O pensamento abreviado na expressão *familionário* é basicamente, como vimos, “R. me tratou como um semelhante, de modo bem familiar, isto é, até onde um milionário é capaz de fazê-lo” (Freud, 1905/2017, p.18). A palavra *familiar*, pertencente à primeira cadeia significante não chistosa, é, então, combinada com algumas sílabas de uma palavra da cadeia elidida, *milionário*, criando o significante substituidor *familionário*. A segunda frase, assim, é comprimida a partir da combinação de uma das suas palavras, *milionário*, com uma, *familiar*, da frase exposta. E é nessa produção que Freud (1905/2017, p. 20) encontra a forma do chiste

⁷ A obra que Freud retira sua citação é a *Reisebilder* (1826) do Heine. Contudo, na tradução para o português que nos utilizamos do *Chiste e sua relação com o Inconsciente* (1905/2017) não consta a exata citação, página por página, da obra consultada por Freud. Por isso, as aspas desse relato no corpo do texto são referentes a *Reisebilder* e, na citação longa a seguir, o que está fora das aspas diz respeito aos argumentos e pensamentos do próprio Freud. A última citação do caso é também o pensamento de Freud sobre o conto.

e a razão do seu efeito de riso: “é sem dúvida nesta combinação de palavras que residem o caráter chistoso e o efeito de riso do chiste”.

Freud (1905/2017) cunha, então, um termo para fazer referência ao processo encontrado acima, a *condensação com formação substitutiva*. Condensação, pois uniram-se duas palavras em uma só que detém a função de conectar as duas frases; e formação substitutiva porque produziu-se, mediante a união de duas palavras das frases distintas, uma nova palavra substitutiva na segunda frase.

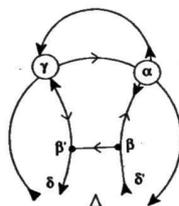
Agora, referindo-se ao conceito de condensação e seu devido ato substituidor, é importante salientar que Freud (1905/2017) relaciona as técnicas de formação do chiste aos mecanismos de elaboração inconsciente nos sonhos. Ele, inclusive, dedica um capítulo inteiro a demonstrar as relações absolutamente análogas entre tais técnicas e as formações inconscientes. Além disso, considerando as técnicas do chiste como análogas aos mecanismos de elaboração dos sonhos, nada mais plausível do que situar a condensação do chiste como uma produção inconsciente, e é isso que Freud (1905/2017) afirma e reafirma na mesma obra.

Dito isso, podemos nos voltar aos termos anteriormente apresentados e os situar em Freud. É notável como Freud, para articular a formação de um pensamento inconsciente, atenta-se à natureza linguística de tal operação significativa. Ele mesmo expressa isso: “Um pensamento pode, de fato, ser expresso em diversas formas linguísticas — em palavras, portanto — capazes de refleti-lo de maneira igualmente apropriada” (Freud, 1905/2017, p. 18). Com isso, conseguimos identificar que um pensamento pode ser recodificado de maneira a escapar das formas convencionais do código significativo — embora situe-se e oriente-se nele — e que, ainda assim, seja expresso apropriadamente.

A função significativa da tirada espirituosa, portanto, “enquanto significativa”, consiste no fato de que ela “escapa ao código, isto é, a tudo o que até então se acumulou de formações do significativo em suas funções de criação de significado” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 32). Além disso, é notório que Freud (1905/2017), embora se utilize do termo pensamento, só pode se referir a uma cadeia significativa passível de significação conforme seu tipo de cadência: no caso do *familiário*, o sujeito inconscientemente *condensa* uma cadeia significativa inteira em um novo significativo, isto é, *manifesta* uma nova palavra que contém em si, a partir do apagamento de significantes e reagrupamento de determinadas sílabas, essa outra cadeia significativa *latente*.

É isto que Lacan conclui pensando em Freud: “Que nos diz Freud? Que reconhecemos aí [no chiste *familionário*] o mecanismo da condensação, que ela é materializada no material significante, que se trata de uma espécie de engavetamento, com a ajuda de sabe-se lá de que máquina, entre duas linhas de cadeia significante” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 26). A partir disso, o inconsciente parece ser, de fato, por manejar e condensar os significantes em função da fala, *como* uma linguagem. Vejamos mais detalhadamente, então, conforme o exemplo abaixo, como Lacan (1957-1958/1999) situa os fenômenos de comunicação contidos no chiste descritos até então.

Figura 6 – O círculo do discurso



Fonte: Lacan (1957-1958/1999, p. 18).

No gráfico da figura 6, constam os sinais que Lacan utiliza para descrever as *duas funções do significante*: a cadeia significante e o círculo do discurso. A primeira linha, da esquerda para direita, se dedica a representar a cadeia significante em seu estado de possível manejo e atualização a partir dos efeitos significantes da metáfora e da metonímia. Nessa linha situam-se, portanto, o material significante bruto, até seu mínimo nível fonético. A segunda linha, do centro inferior direito ao centro inferior esquerdo, é a do discurso racional, comum, dos semantemas já fixados e definidos por um emprego, como encontramos, por exemplo, em um dicionário. O “sentido” dos significantes, nele, “já está como que dado” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 19).

A segunda, portanto, é o discurso concreto e padrão do sujeito individual, enquanto a primeira diz respeito às possibilidades de decomposição e reinterpretação significantes a partir das mecânicas da metáfora e metonímia. A linha da cadeia significante bruta e a do discurso comum se cortam, como mostra o gráfico, em sentido contrário e recortam-se em dois pontos. O primeiro ponto de encontro das linhas é o feixe de empregos que Lacan (1957-1958/1999) chama de código, simbolizado por A – o lugar da fala, a língua.

O segundo ponto de encontro significante, que fecha o círculo e já passou pelo código A, é o sentido, simbolizado por Y. O resultado, então, do atravessamento da linha do discurso com a linha do significante, “como suporte da criação de sentido” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 20) e um *non sense* a ser significado, é a mensagem que, como vimos agora, é necessariamente codificada. É, como vimos anteriormente, o momento em que a fala se compõe e se organiza em uma cadeia significante disponibilizada pelo código. E é aí, na mensagem, que vem à luz o sentido, inclusive a possível verdade ou falsidade do enunciado; “se é que existe verdade, [ela] está ali” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 20).

Contudo, como Lacan marca a seguir (1957-1958/1999), as linhas de composição da mensagem não seguem uma só direção; o que é representado, no gráfico, pelo ir e vir das setas. Caso assim fosse, não haveria qualquer possibilidade ao sujeito de arranjar um sentido ou duplo sentido, mas apenas de repetir as cadeias significantes formalmente empregadas no discurso comum da língua. A palavra *mar*, por exemplo, utilizando-nos de uma atribuição cotidiana, nunca poderia vir substituir o significante *inconsciente* para significar o inconsciente, assim como nunca haveria o arranjo silábico *familionário* significando duas cadeias significantes, uma manifesta e outra latente.

Para que se produza algo como o chiste, é necessário, portanto, o entrejogo intrasubjetivo, o vai e vem da mensagem ao código e do código à mensagem que é, em suma, a interferência significativa do sujeito no manejo dos significantes do código, da língua. Como afirmou Jorge (2008, p. 84), “é justo no que alguma mensagem pode ser arrancada do código pelo sujeito que se opera a criação de sentido”.

Porém, este manejo dos significantes efetuado pelo sujeito em sua fala opera a partir das mecânicas da metáfora e da metonímia, e elas são as condições, as leis, para que se produza algo como uma mensagem, tal como o chiste, a partir do código-língua. É aqui que podemos ver como Lacan (1966[1957] /1998), então, introduz às leis do inconsciente, isto é, a condensação e o deslocamento, o arcabouço teórico linguístico da retórica. Mas o que são exatamente a metáfora e a metonímia? Examinaremos esses operadores conceituais na próxima seção.

5 A METÁFORA E A METONÍMIA

Para abordar as funções da metáfora e metonímia, Lacan (1966 [1957]/1998), na *Instância da Letra*, volta-se ao termo *Entstellung*, traduzido por transposição, que Freud se utiliza, na *Interpretação dos Sonhos* (1900/2019), para afirmar a precondição do sonho. Este termo, porém, detém, para Lacan, o mesmo significado do que antes apresentamos como um dos efeitos do significante sobre o significado: o deslizamento do significado sob o significante.

O significado, assim como dissemos, é efeito da cadeia significante, embora seja também uma resposta do sujeito ao sem sentido do significante e que, por isso, não se fixa a um significante — o que o coloca sempre numa posição deslizante. Mas a dimensão da incidência significante, nesse ato de deslizamento, é o que Lacan chama de metáfora e metonímia.

Na mesma obra supracitada, Lacan (1966 [1957]/1998), fazendo uma releitura do artigo do seu amigo Jakobson, *Dois aspectos da Linguagem e dois tipos de Afasia* (1973), compara a condensação e o deslocamento às figuras de retórica da metáfora e metonímia. Como é defendido na *Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/2019), a matéria do sonho é dividida em duas formas: o conteúdo manifesto e o conteúdo latente. O conteúdo manifesto é aquele que é descrito e lembrado pelo sujeito na condição de um enunciado. O conteúdo latente é aquele em que seu sentido não está descrito no enunciado, embora conste nele.

Tal situação divisora do material onírico ocorre mediante o trabalho da censura, que escolhe parcialmente como e o que será apresentado no enunciado. A censura se efetua através dos dois mecanismos citados, a condensação e o deslocamento. A condensação, como já falamos um pouco anteriormente, reúne em um mesmo elemento, ou significante, vários outros elementos de alto valor psíquico. Substitui, portanto, vários elementos por um. Seu efeito, com isso, é a distorção e disfarce dos materiais oníricos, isso é, provoca seu caráter propriamente latente. O deslocamento trabalha na alteração do conteúdo latente, ressitua o valor, o acento, dos elementos significantes mais valiosos e o deslocando para elementos menos importantes.

O efeito desse trabalho é o desvio de atenção, pois o sujeito, voltando-se para os elementos de baixo valor psíquico, não se atenta aos elementos de alto valor psíquico. Como bem destacou Jorge (2008, p. 87), o trabalho do deslocamento se assemelha à figura de retórica da sinédoque, “na qual o todo é representado pela parte, como o barco pela vela”. Ambos os trabalhos produzem, contudo, um vínculo entre os materiais, o que é condição para que se desvende, a partir da análise, o conteúdo latente no sonho. Dito isso, entremos, finalmente, nos conceitos retóricos da metáfora e da metonímia.

A metáfora, para Lacan (1966 [1957] /1998), é o processo de substituição em que um significante é superposto a outro, gerando uma superposição significativa — e este é, como vimos, o mesmo processo da condensação. Ocorre, digamos, uma espécie de subversão das conexões semânticas entre os significantes mediante reestruturações lexicais. Em suas palavras, “a *Verdichtung*, condensação, é a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora, e cujo nome, por condensar em si mesmo a *Dichtung*, indica a conaturalidade desse mecanismo com a poesia, a ponto de envolver a função propriamente tradicional desta” (Lacan, 1966 [1957] /1998, p. 515). Para compreendermos melhor a metáfora, exploremos o seguinte exemplo: a palavra *mar* alude ao significado inconsciente. Contudo, *inconsciente* é, primeiro, o significante do significado inconsciente.⁸

No começo, temos então:

$$\frac{S(\text{significante})}{s(\text{significado})} \cdot \frac{\text{Inconsciente}}{\text{significado de inconsciente}}$$

A palavra *mar* enquanto metáfora para o significado inconsciente a introduz, por comparação identificativa, como um significante novo: S' . O primeiro significante, S , e seu significado, s , são postos abaixo da barra de significação. Isso quer dizer que *mar* (S') passa a significar o significante *inconsciente* (S) e o significado inconsciente (s).

$$\frac{\text{Mar } (S')}{\text{Inconsciente } (S)} \cdot \frac{\text{Inconsciente } (S)}{\text{significado de inconsciente } (s)}$$

Quando a operação de substituição é realizada, o S' (significante metafórico), então, simplifica S (significante primeiro) e s (significado). Caso haja ainda, no processo de substituição metafórica, uma função de recalçamento, tanto S quanto, abaixo da barra de significação, serão inconscientes, e S' os representará. No caso abaixo, tanto o I maiúsculo quanto os parênteses indicam a qualidade de inconsciência do significante e significado. A fórmula para tal fenômeno pode ser entendida da seguinte maneira:

⁸ Devemos essa clara exemplificação do processo metafórico à obra *Para compreender a Lacan* (2001) de Jean-Baptiste Frages, embora troquemos os significantes da produção metafórica apresentada por ele.

$$\frac{S'}{S} \cdot \frac{S}{s} = S \left(\frac{I}{s} \right) \quad \text{ou, no caso,} \quad \frac{Mar}{Inconsciente} \cdot \frac{Inconsciente}{inconsciente} = Mar \left(\frac{I}{inconsciente} \right)$$

Conseguimos ver, nesse exemplo, o porquê de Lacan (1957-1958/1999) afirmar que é no processo metafórico que se produz valor através da emergência de significação. É nessa operação criativa de substituição que o significante *mar* pode, enfim, determinar a possibilidade de significação para além do seu campo semântico.

É o caso também do exemplo da citado anteriormente, o do *familiônario*, significante novo esse que foi produzido como metáfora para outros significantes e possíveis significados inconscientes. É interessante notar, inclusive, que a metáfora, tal como é demonstrada aqui, tem como primazia de atividade não a comparação, mas a identificação. Lacan (1966 [1957] /1998), então, formula a estrutura da metáfora da seguinte forma na figura 7:

Figura 7 – Estrutura da Metáfora

$$f \left(\frac{S'}{S} \right) S \cong S (+) s$$

Fonte: Lacan (1966 [1957] /1998, p. 519)

Onde se lê *f* como função, a metáfora ocorre quando o significante metafórico *S'* mantém debaixo da barra, substitui, o antigo *S*, operação essa agora latente em relação ao *S* fora dos parênteses. O sinal conectivo entre as duas partes significa a congruência. O (+) significa a transposição, o surgimento, por cima da barra de significação, do significado *s*, isto é, a emergência do sentido. No lado esquerdo temos, então, o processo metafórico e, no lado direito, seu efeito.

A metonímia, para Lacan (1966 [1957] /1998), é o processo em que, análogo ao deslocamento freudiano, um significante remete, se desloca, em continuidade a outro. O exemplo de Lacan quanto à metonímia é uma crítica ao uso didático desta. Cotidianamente, entende-se que a metonímia é o processo retórico em que se toma o todo pela parte. Contudo, essa definição não explica bem o processo.

Por exemplo, falar “trinta velas” para se referir a “trinta barcos” – isto é, as trinta velas dos trinta barcos – e afirmar que o processo é tomar a parte como o todo não explica bem o trabalho. Tomar a realidade da coisa parcial referida é inútil para esse processo retórico, pois,

quanto à realidade do objeto, Lacan (1966 [1957] /1998, p. 509) relembra que, inclusive, “um navio possuir uma única vela é o caso menos comum”. Trinta velas não podem designar trinta barcos se usarmos só as noções de parte do todo e muito menos faz-se aproximar da razão acerca daquilo que se ausenta a partir de tal curiosa e limitada referência. O que explica é o fato de tomar o significante em linhagem, isto é, na ligação de “palavra em palavra” onde o barco e a vela se situam em cadeia, pois “a ligação do navio com a vela não está em outro lugar senão no significante” (Lacan, 1966 [1957] /1998, p. 509). Digamos que, em uma análise metonímica, e continuando o campo lexical anterior, deve-se ir do “rio ao mar”.

No caso do uso da metonímia com finalidade do deslocamento de um conteúdo, o significante que se destaca, que recebe o foco, detém pouco valor, enquanto se remete, porém, a outro significante de alto valor conectado à cadeia.

Há, portanto, nesse processo retórico, um deslocamento do foco semântico de um campo lexical. Enfim, Lacan (1966 [1957] /1998, p. 515) define a metonímia da seguinte maneira: “A *Verschiebung* ou deslocamento é, mais próxima do termo alemão, o transporte da significação que a metonímia demonstra e que, desde seu aparecimento em Freud, é apresentado como meio mais adequado do inconsciente para despistar a censura”.

Aliás, quanto à possível ludibriação realizada através da metonímia, vimos anteriormente que o deslocamento serve para remanejar o valor entre o conteúdo latente, isso é, aquilo censurado e, assim, despistar as conexões significantes indesejadas. A parte pelo todo, digamos, não explica como pode uma referência ocultar uma cadeia significativa enquanto engana acerca do seu objeto referenciado ao focar em outra cadeia. Lacan (1966 [1957]/1998), então, representa a estrutura da metonímia mediante a seguinte equação na figura 8:

Figura 8 – Estrutura da Metonímia

$$f(S...S') S \cong S (-) s$$

Fonte: Lacan (1966 [1957] /1998, p. 519)

Onde se lê f como função, a operação metonímia ocorre quando um significante S está em relação de contiguidade ao significante S' . O sinal conectivo diz respeito à congruência entre as duas partes. O sinal (-) representa seu efeito de resistência à significação entre S e s . No lado esquerdo vemos, então, o encadeamento de significante em significante. No lado

direito, na ausência do processo metafórico, não se produz novo sentido, apenas mantém-se a continuidade significativa como um código fechado.

É relevante afirmar, contudo, que a metáfora e a metonímia são operações que, embora diferentes uma da outra, não podem existir uma sem a outra. A metonímia é, afinal, como afirmou Lacan (1955-1956/1988), uma metáfora pobre. Com isso, podemos dizer que a metonímia é o conceito responsável para nomear o processo de encadeamento significativo, numa linha que pode ser representada como horizontal, palavra por palavra.

Já a metáfora é o conceito responsável por nomear o processo de substituição de um significativo por outro em sua cadeia e que, por essa ação, insere novo sentido ao significativo por ocupar um novo lugar funcional. Inclusive, podemos pensar que ela, a metáfora, traça uma linha vertical que, agindo sobre e cortando a cadeia metonímica horizontal, forma exatamente o símbolo de adição utilizado por Lacan para representar a criação de sentido na metáfora, isso é, o +.

Além disso, como vimos anteriormente, quando a metáfora, e seu fator de condensação e substituição, opera com fins de recalçamento, é necessário concluir que aquilo recalçado é, portanto, um significativo. E, no caso da metonímia, aquilo que o sujeito despista, ao efetuar o deslocamento de foco, não é outra coisa senão um significativo, possivelmente demasiado relevante para ele. Afinal, sobre o retorno do recalçado, “o sintoma, aqui, é o significativo de um significado recalçado da consciência do sujeito” (Lacan, 1966 [1953] /1998, p. 282).

E é aqui também, inclusive, que Lacan situa aquilo que Freud afirma ser o material que consta no inconsciente: para Freud (1914-1916/2010), não são os afetos a matéria prima que sofre a operação do recalque, mas sim as *Vorstellungrepräsentanze*, traduzidas por representantes da representação. Tal termo equivale, como vimos no decorrer do artigo, “estritamente à noção e ao termo de significativo” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 62).

No caso do já citado caso do *familiário*, reprimiu-se, a partir da metáfora que é o significativo *familiário*, a cadeia significativa em sua totalidade acerca do completo pensamento sobre a classe social, os milionários e condescendência deles que, para o sujeito do relato em questão, talvez não fosse de total interesse comunicar diretamente.

E assim, finalmente encontrando o possível destino inconsciente da operação significativa, concluímos a grande curva que fizemos acerca das direções e características do que Lacan veio a afirmar acerca da natureza significativa. Vejamos, conclusivamente, o percurso que fizemos até aqui e o resultado que obtivemos, mesmo sucintamente, dele.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou apresentar, de maneira sistemática e exemplificada, o manejo autoral que Lacan realizou de alguns conceitos da linguística com o propósito de responder à imprescindível questão das condições de possibilidade da experiência e teoria psicanalíticas de Freud.

No primeiro momento, ainda na introdução, revisamos como fatos históricos de críticas e apologias à escrita de Lacan se amarravam intrinsecamente às questões teóricas levantadas por ele com relação ao seu retorno a Freud – a partir, inicialmente, de sua introdução da psicanálise à linguística. Terminamos por expor a íntima riqueza, para o desenvolvimento epistemológico da psicanálise sob a ótica de Lacan, entre os conhecimentos linguísticos e os analíticos.

Ao estabelecer a intimidade dessa relação, realizamos, na primeira parte, o nosso próprio retorno à linguística. Voltamo-nos à apresentação do signo linguístico de Saussure, explorando sua explicitação teórica a partir de suas definições e exemplos. Após isso, foi apresentado o conceito de significante para Lacan a partir de sua exposição teórica e prática.

Apenas explorando comparativamente os dois autores em ambos os momentos foi possível expor introdutoriamente, tanto a nível teórico quanto objetivo, o desenvolvimento do conceito de significante para Lacan. O signo linguístico em Saussure delinea, então, a indissociável relação entre significante e significado.

Em Lacan, o significante expressa aquilo que, apenas encadeado a outros, apresenta-se como um fenômeno passível de significação pelo sujeito. Concluímos, contrapondo os exemplos da CLG aos de Lacan, a definitiva primazia do significante sobre o significado. Além disso, a possibilidade de significação ocorre a partir da necessária relação de encadeamento opositivo e diferencial *apenas* entre significantes, não entre os signos. Assim pudemos ver, inclusive *en passant* acerca da associação livre, a complexidade que circunscreve o fenômeno da fala, tão importante à clínica psicanalítica.

Na segunda parte, dedicamo-nos a explorar os conceitos linguísticos que giravam em torno da elaboração do significante, como o código, discurso, metáfora e metonímia. Assim foi

visto, então, o local de operação e encadeamento do significante, isto é, o código-língua, e como o fenômeno do chiste, em Freud, pôde ser relido com maior clareza junto a esses conceitos.

Em seguida, para fechar a operação significativa, apresentamos os conceitos retóricos da metáfora e metonímia, assim como sua associação aos conceitos de condensação e deslocamento em Freud, a partir de definições e diversos exemplos autorais e lacanianos. A razão de tal atividade foi demonstrar como a apropriação que Lacan fez dos processos metafóricos e metonímicos, assim como do código e da atividade discursiva intrassubjetiva, pôde acrescentar mais elucidação aos fenômenos da clínica psicanalítica, algo exemplificado no chiste *familionário*.

Por meio dos conceitos apresentados, destacamos que a fala, tão importante para a psicanálise, configura algo muito complexo e que um encadeamento de palavras pode significar uma diversidade de sentidos para além dos habitualmente admitidos numa língua. Com a finalidade de apresentar a relação entre Lacan e a linguística, realizamos, enfim, uma espécie de regressão do conceito de significante aos seus fundamentos práticos, isto é, partimos de sua definição geral, passando pelo seu manejo psíquico por parte do sujeito até o seu possível destino inconsciente.

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, M. **Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente**: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Tradução: Lucy Magalhães; revisão técnica, Waldir Beividas, Ivã Carlos Lopes. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. Título original: Langage et psychanalyse, linguistique et inconsciente: 1994.

BEIVIDAS, W. **Inconsciente et verbum**: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura. 2a ed. São Paulo: Humanitas, 2000.

FAGES, J. P. **Para compreender a Lacan**. 2a ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.

FERREIRA, N. P. Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística. **Ágora**: Estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 115-126, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/zzfHvD4sJg4RgTVzXqMN6Hv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16/01/2025.

FREUD, S. **Obras completas, volume 2**: Estudos sobre a histeria. Tradução por Laura Barreto; revisão da tradução por Paulo César de Souza. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Título original: Gesammelte Werke: 1893-1895.

_____. **Obras completas, volume 4:** a interpretação dos sonhos. Tradução por Paulo César de Souza. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Título original: Gesammelte Werke: 1900.

_____. **Obras completas, volume 5:** psicopatologia da vida cotidiana e sobre os sonhos. Tradução por Paulo César de Souza. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. Título original: Gesammelte Werke: 1901.

_____. **Obras completas, volume 7:** o chiste e sua relação com o inconsciente. Tradução por Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Título original: Gesammelte Werke: 1905.

_____. **Obras completas volume 12:** Introdução ao Narcisismo: Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos. Tradução e notas por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Título original: Gesammelte Werke e Studienausgabe: 1914-1916.

FONTES, F. F.; MEDEIROS, C. P. A dificuldade do texto lacaniano. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 211-217, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/20892>. Acesso em: 16/01/2025.

GLYNOS, J; STAVRAKAKIS, Y. Posturas e imposturas: O estilo de Lacan e sua utilização da matemática. **Ágora**, 4, 111-130, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/LtcsZjsNJNpdTL9ZpgM6Pbb/#>. Acesso em: 16/01/2025.

HANLON, C; ŽIŽEK, S. Psychoanalysis and the Post-Political: An Interview with Slavoj Žizek. **New Literary History**, v. 32, p. 1-21, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20057644>. Acesso em: 16/01/2025.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução por Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 1ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. **A Identificação**. Tradução por Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos, 2003. Título original: L'identification: 1961-1962.

_____. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. 1a ed Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Título original: Écrits: 1966.

_____. **O Seminário, livro 1:** os escritos técnicos de Freud. Tradução por Betty Milan. 2a ed revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. Título original: Le Séminaire de Jacques Lacan, livre I: Les écrits techniques de Freud: 1953-1954.

_____. **O Seminário, livro 3:** as psicoses. Tradução por Aluísio Menezes. 2a ed revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. Título original: Le Séminaire de Jacques Lacan, livre III: Les psychoses: 1955-1956.

_____. **O Seminário, livro 5:** as formações do inconsciente. Tradução por Vera Ribeiro. 1a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. Título original: Le Séminaire de Jacques Lacan, livre V: Les formations de l'inconscient: 1957-1958.

_____. **O Seminário, livro 7:** a ética da psicanálise. Tradução por Antônio Quinet. 1a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. Título original: Le Séminaire de Jacques Lacan, livre VII: l'éthique de la psychanalyse: 1959-1960).

_____. **O Seminário, livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução por M.D Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. Título original: Le Séminaire de Jacques Lacan, livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse: 1964.

_____. **Outros escritos.** Tradução por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. Título original: Autres écrits: 2001.

MILLER, J. A. **Percorso de Lacan:** uma introdução. Tradução Ari Roitman. 3a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral.** Tradução por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 8a ed. São Paulo, Cultrix, 1991. Título original: Cours de linguistique Générale: 1916.

Recebido em: 19/01/2025

Aceito em: 18/02/2025